

A MODIFICAÇÃO DE GRAU NÃO PROTOTÍPICA EM INGLÊS: O CASO DE VERY*

Marcus Vinicius Ramos Vieira

Orientadora: Luciana Sanchez Mendes

Mestrando

RESUMO: No que concerne à língua inglesa, o *very* ‘muito’ é considerado modificador canônico de adjetivos (ex. *very tall* ‘muito alto’). Entretanto, é possível encontrar sentenças em que o *very* exerce modificação sobre outras estruturas e classes de palavras. Assim, esta pesquisa tem como objetivo descrever e explicar a contribuição semântica do modificador de grau *very* ao modificar superlativos e substantivos. Para tanto, adota os pressupostos teóricos da Semântica Formal com base em estudos desenvolvidos por Kennedy e McNally (2005) e Morzychi (2012) sobre predicados graduáveis e não graduáveis, evocando a noção de estrutura escalar. Sob o ponto de vista metodológico, tem-se feito a coleta de sentenças da língua inglesa para a composição de corpus. Primeiramente, foram coletadas sentenças de alguns romances para verificar que a modificação do *very* sobre substantivos já é algo consolidado também na modalidade escrita. Num segundo momento, foram coletadas sentenças dos mais variados gêneros, inclusive dados espontâneos de fala, no *British National Corpus (BYU-BNC)*. Essas sentenças estão sendo categorizadas em lugar, tempo, substantivo próprio, substantivo comum e substantivo abstrato conforme o substantivo modificado, bem como pelo efeito de sentido gerado por tal modificação. Os dados referentes à modificação do superlativo também se tornaram uma categoria.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica Formal, Inglês, significado, modificação, sentença

Introdução

Quando se pensa sobre o ensino do inglês como língua estrangeira no Brasil, parece estar cristalizada a ideia de que a combinação do *very* ‘muito’ apenas ocorre com adjetivos, como *very beautiful* ‘muito bonita’. Entretanto, essa descrição não dá conta de todos os usos de *very*, na medida em que alguns dados do inglês apontam para outros usos desse modificador. Vale ressaltar, no entanto, que é compreensível a postura pedagógica adotada, de

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

modo geral, por professores de inglês no Brasil ao ensinarem que o *very* apenas pode ser utilizado com adjetivos. Isso porque um número considerável de alunos brasileiros apresentam dificuldades, possivelmente por influência de sua língua materna, na distinção do *very* ‘muito’ que modifica adjetivos em relação ao *many/ much* ‘muito’ que geralmente modificam substantivos, expressando a ideia de quantidade. Com isso, sentenças do tipo *#Very people are afraid of violence* na tentativa de expressar ‘Muitas pessoas estão com medo da violência’ se tornam comuns nas salas de aula de inglês como L2.

Não somente em relação ao ensino, a restrição quanto à descrição do *very* como modificador de adjetivos também pode ser encontrada na literatura especializada na área de estudos semânticos, como pode ser constatado em estudos desenvolvidos por Doetjes (2008) na descrição das características de alguns modificadores de grau de diversas línguas. Segundo a autora, a possibilidade de ocorrência com o *very* indica justamente que a classe de palavras modificada é de adjetivos.

No caso de falantes que têm o inglês como L1, inadequações como a apresentada por alunos brasileiros no uso do *very* tendem a não ocorrer. No entanto, esses falantes demonstram conhecer e usar o *very* exercendo função atributiva sobre palavras não adjetivais com o intuito de expressar significados que não são de quantidade, como *in this very classroom* ‘nesta mesma sala de aula’.

Desse modo, observa-se um contraste para o uso do *very* no ensino de inglês como L2 em relação ao uso desse modificador de grau por falantes nativos do inglês. Nesse caso, é de se suspeitar que o posicionamento de restrição adotado por professores de língua inglesa para os usos variados do *very* se daria por conta da aparente escassez de estudos linguísticos que se debruçam sobre esse fenômeno.

Justamente a partir da constatação da existência de *very* modificando classes de palavras para além dos adjetivos, o presente trabalho investiga o comportamento semântico de *very* ao modificar o superlativo e o substantivo na língua inglesa. Para apresentar tal investigação, este artigo está dividido da seguinte forma: a próxima seção trata do suporte teórico, caracterizado pela utilização dos estudos de Kennedy e McNally (2005), uma obra sobre modificação de grau por meio da noção de estrutura escalar considerada clássica nos estudos semânticos, bem como o trabalho desenvolvido por Morzychi (2012) que trata especificamente da modificação de grau de substantivos; em seguida, são discutidas a coleta e

a organização dos dados no que diz respeito à metodologia adotada por esta pesquisa; por fim, são apresentadas as considerações finais.

Suporte Teórico

Esta pesquisa adota a Semântica Formal como teoria na investigação da modificação de grau não prototípica do *very*. É uma teoria que compreende a língua como mecanismo lógico que como tal pode ser descrita de forma lógica. Embora a Semântica Formal seja uma área recente da linguística, a reflexão formal sobre a linguagem tem início na Grécia Antiga por meio dos estudos sobre o silogismo realizado por Aristóteles. O mais famoso exemplo de silogismo é visto em (1). Se as sentenças (a) e (b) são verdadeiras, então necessariamente (c) é verdadeira.

- (1) a. Todo homem é mortal.
b. Sócrates é homem.
c. Sócrates é mortal.

É possível esquematizar o silogismo de Aristóteles formalmente por meio de conjuntos, como ilustra a figura 1. Sócrates é um elemento do conjunto dos homens, que por sua vez está contido no conjunto dos mortais. Logo, Sócrates faz parte do conjunto dos mortais.

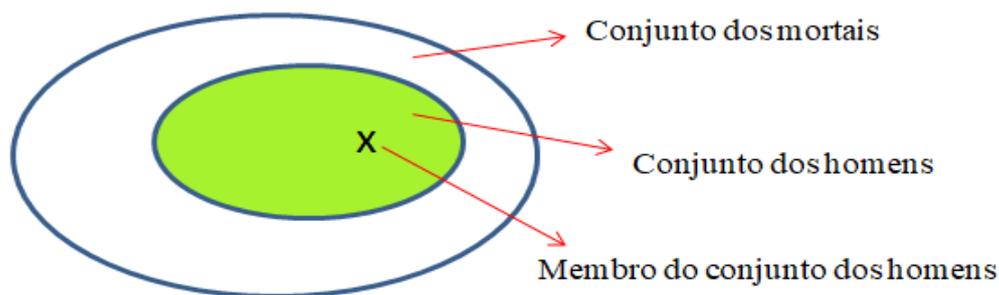


Figura 1: Silogismo de Aristóteles por meio de um conjunto. Elaboração própria.

Ainda que a língua enquanto sistema lógico era uma hipótese considerada desde a antiguidade, Pires de Oliveira (2012) aponta que muitos filósofos e lógicos, durante boa parte do século XX, consideravam as línguas naturais vagas e ambíguas para serem descritas à luz

de uma linguagem formal. Dentre os incrédulos do aspecto lógico das línguas, encontrava-se Tarski (1944), que apresentou o argumento da criação de paradoxos nas línguas naturais para refutar a possibilidade de descrições formais das línguas.

É somente a partir da década de 1970, por intermédio de Barbara Partee, que a Semântica Formal se constitui como ciência, sendo uma filiação epistemológica de duas abordagens: a Teoria Gerativa, por conta do objeto de análise ser a sentença; e a Filosofia, mais precisamente da Filosofia Analítica de Frege e Russell, por conta do interesse pela lógica.

Desse modo, a Semântica Formal passa a ser entendida como ciência que investiga o significado linguístico de sentenças declarativas. Sobre isso, Heim e Kratzer (1998) definem que saber o significado de uma sentença é saber suas condições de verdade, isto é, os possíveis cenários ou contextos em que o sentido de uma sentença pode ser verificado. Assim, as condições de verdade são o próprio significado de uma sentença, sendo essa uma noção importante para compreender o conhecimento semântico dos falantes.

Para exemplificar a noção de condição de verdade, Heim e Kratzer (1998) apresentam a sentença (2). Pensar sobre a sentença (2) a partir de suas condições de verdade não implica ter de verificar no mundo se ela é verdadeira ou não, isto é, conferir se de fato existe um saco de batatas na despensa. Pelo contrário, é ter em mente quais são as condições no mundo que garantam a interpretação do significado dessa sentença.

(2) Existe um saco de batatas na minha despensa.

Na continuação, Heim e Kratzer (1998) argumentam que as condições de verdade podem ser descritas de forma lógica por meio da metalinguagem, como mostra a sentença (3). Embora a sentença (3) possa parecer estranha, ela ilustra um modelo formal para interpretação de sentenças do tipo: ‘ _____ ’ é verdadeira se e somente se _____, em que a sentença entre aspas simples é chamada de língua-objeto, ou seja, aquela que é descrita pela metalinguagem lógica introduzida pelo encadeador lógico *se e somente se*.

(3) ‘Existe um saco de batatas na minha despensa’ é verdadeira se e somente se existe um saco de batata na minha despensa.

O breve percurso histórico apresentado sobre a Semântica Formal parece evidenciar que é uma ciência bem definida tanto em relação ao objeto de estudo quanto em relação aos processos de descrição desse objeto. Por isso, é possível constatar o aparecimento de diversos fenômenos linguísticos passíveis de serem estudados com base nessa teoria. Dentre esses fenômenos, encontra-se a modificação de grau.

A modificação de grau tem se mostrado relevante, sobretudo por meio de estudos desenvolvidos por Kennedy e McNally (2005), em que os autores introduzem a noção de escala e grau para análise desse tipo de mecanismos, conceitos que servem de norte para a presente pesquisa.

Segundo a semântica escalar, os predicados encontram-se divididos em duas categorias conforme sua aceitabilidade em relação à modificação de grau: graduáveis e não graduáveis. Os predicados graduáveis se caracterizam por serem facilmente utilizados em sentenças comparativas, como mostra a sentença (4). Além disso, admitem serem modificados por modificadores como *muito*, ilustrado pela sentença (5).

(4) Rio de Janeiro é mais quente do que Porto Alegre.

(5) Rio de Janeiro é muito quente.

Existe a possibilidade de se pensar sobre o predicado *quente* como elemento de uma escala de temperatura, em que os pontos inferior e superior são abertos (figura 2), ou seja, a escala cresce para ambos os lados conforme o contexto de uso dos elementos que a compõe.

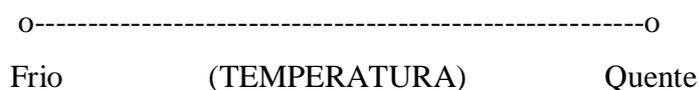


Figura 2: Representação de uma escala de temperatura

Já os predicados não graduáveis não são adequados em sentenças comparativas, nem em sentenças em que *muito* exerce modificação sobre eles, exemplificados nas sentenças (6) e (7) pelos predicados *extinto* e *invisível*.

(6) ? Dinossauros estão mais extintos do que araras azuis.

(7) ? A letra no quadro está muito invisível.

A pesquisa busca averiguar se essas propriedades em relação aos predicados graduáveis e não graduáveis podem se estender para outras categorias. Dialogando com Kennedy e McNally (2005), Morzychi (2012) se mostra defensor da ideia de que a classe dos adjetivos é a que pode ter modificação de grau. Entretanto, Morzychi (2012) chama atenção para o fato de que outras classes de palavras também podem ser modificadas em grau, em especial, os substantivos. Assim, esse posicionamento é importante para a sustentação teórica da investigação proposta pelo presente estudo. Isso porque alguns autores parecem ainda não terem se atentado para esse tipo de modificação, sendo uma postura que pode ser constatada na tabela proposta por Doetjes (2008) sobre tipologias dos modificadores de grau em línguas como o inglês, o francês e o holandês conforme o predicado modificado por eles:

I	Adjetivos graduáveis	Tipo A <i>Very</i> (ing)	Tipo B <i>erg</i> (hol)	Tipo C <i>trop</i> (fr) <i>more</i> (ing) <i>minder</i> (hol)		
II	Verbos graduáveis	Tipo D <i>beaucoup</i> (fr)	Tipo E <i>veel</i> (hol)		Tipo F <i>a mountain</i> (eng)	Tipo G <i>many</i> (eng)
III	Verbos eventivos, comparativas					
IV	Substantivos massivos					
V	Substantivos plurais					

Tabela 1: A Distribuição dos modificadores de grau (Adaptado de Doetjes, 2008).

A análise da tabela 1 permite observar que o *very* (Tipo A) é situado como modificador exclusivo da classe de adjetivos graduáveis (*very tall* = ‘muito alto’). Tal posicionamento fica ainda mais notório quando Doetjes (2008) propõe que um teste para saber se uma palavra é ou não um adjetivo na língua inglesa se daria apenas pela verificação se essa palavra aceitaria ou não modificação pelo *very* conforme dito anteriormente.

De fato, parece que o *very* pode ser compreendido como modificador canônico da classe de adjetivos no inglês. Entretanto, há dados que mostram o *very* exercendo modificação sobre estruturas e palavras que não são pertencentes à classe dos adjetivos. Por conta disso, esta pesquisa adota o termo modificação não prototípica para modificações desta natureza feita pelo *very*. A próxima seção apresenta esses dados.

Metodologia e coleta de dados

Tendo em vista que a Semântica Formal investiga o significado de sentenças declarativas, em princípio, a coleta de dados tem sido feita por meio de duas maneiras: a primeira consiste em coleta e organização de sentenças encontradas em romances da língua inglesa; já a segunda consiste em coleta e organização de dados encontrados nos mais variados gêneros, inclusive dados espontâneos de fala, provenientes do *British National Corpus (BYU-BNC)*¹.

Primeiramente, a escolha dos romances como fonte de dados se justifica para mostrar que a modificação de grau do *very* para além dos adjetivos já é algo consolidado na língua inglesa, fenômeno evidenciado não só pelo seu uso na modalidade escrita, mas também em relação ao fato de que a existência desse uso se caracteriza por não ser algo recente no inglês.

Assim, o primeiro romance analisado foi *Pride and Prejudice (Orgulho e Preconceito)*, obra da escritora inglesa Jane Austen, cuja relevância para análise e coleta de dados para esta pesquisa se deve ao fato de ser considerada um marco no desenvolvimento da escrita no inglês moderno. Em *Pride and Prejudice*, foram encontradas 23 sentenças contendo modificações não prototípicas do *very*. As sentenças (8a) e (9a) ilustram dois exemplos encontrados nesse romance com suas respectivas traduções em (8b) e (9b). Em (8a), observa-se a modificação sobre o superlativo, em que o *very* está sem tradução em (8b). Já em (9a), a modificação é exercida sobre um substantivo abstrato *pride* ‘orgulho’, sendo o *very* traduzido por próprio em (9b).

(8) a. “...but as it is, I would really rather not sit down before those who must be in the habit of hearing the **very** best performers.” (*Pride and Prejudice*, PDF, p. 19)

¹ O *British National Corpus* é uma plataforma online que contém diversos dados da língua inglesa. Para mais informações, a plataforma pode ser acessada pelo seguinte endereço eletrônico <https://corpus.byu.edu/bnc/>.

b. “...mas como este não é o caso eu preferia não me exhibir diante de pessoas que estão habituadas a ouvir os melhores concertistas.” (*Orgulho e Preconceito*, 1982, p. 28)

(9) a. “I wonder that the **very** pride of this Mr. Darcy has not made him just to you!” (*Pride and Prejudice*, PDF, p. 56)

b. “Espanta-me que o próprio orgulho de Mr. Darcy não o tenha levado a ser justo para com o senhor.” (*Orgulho e Preconceito*, 1982, p. 79)

Para fins de comparação, outras obras da Jane Austen também foram analisadas, tais como *Mansfield Park* e *Northanger Abbey*. *Mrs Dalloway*, de Virginia Woolf, e *The Great Gatsby*, de Fitzgerald, também fazem parte do grupo de romances utilizados na coleta dos dados.

É importante ressaltar que a pesquisa não pretende fazer um estudo de tradução, mas de investigação do significado. No entanto, a análise de traduções se mostra relevante porque nos fornece pistas de como o significado da modificação sob estudo pode ser interpretado. Além disso, uma segunda ressalva diz respeito ao fato de que a análise de romances não caracteriza um estudo diacrônico para esta pesquisa, uma vez que não há diferenças bruscas entre o inglês da época em que os romances foram publicados e o inglês atual.

Assim, os dados estão sendo coletados e categorizados em superlativo, tempo, lugar, substantivo comum, substantivo próprio e substantivo abstrato, conforme a estrutura ou o substantivo modificado, bem como pelo efeito de sentido gerado por tal modificação. Por efeito de sentido, a sentença (10) ilustra um exemplo que expressa sentido de lugar. Por isso, essa sentença faz parte da categoria lugar, apresentando o *very* traduzido por *próprios*.

(10) a. “To pass between lodges of a modern appearance, to find herself with such ease in the very precincts of the abbey.” (*Northanger Abbey*, PDF, p.176)

b. “Passar por entre ajolamentos de aparência moderna, encontrar-se tão facilmente nos próprios arredores da abadia...” (*Northanger Abbey*, 2012, p.120)

Por outro lado, a sentença (11) está alocada na categoria tempo por conta do efeito de sentido de *moment* ‘momento’, sendo o *very* traduzido por *exato*.

(11) a. “...and she was now fated to feel and lament it once more, for at the **very** moment of coming opposite to Union Passage.” (*Northanger Abbey*, PDF, p.42)

b. “E, agora, ela sentia e lamentava mais uma vez, pois no exato momento de chegar ao lado oposto da Union Passage...” (*Northanger Abbey*, 2012, p.36)

A coleta de dados nos romances tem proporcionado um número expressivo de sentenças. A tabela (2) ilustra, em termos quantitativos, as ocorrências encontradas nas obras escolhidas:

	Superlativo	Tempo	Lugar	Substantivo Próprio	Substantivo Comum	Substantivo Abstrato	TOTAL
Mansfield Park	2	9	5	0	7	8	31
Mrs Dalloway	2	4	1	0	6	2	15
Northanger Abbey	3	4	3	0	10	1	21
Pride and Prejudice	3	4	4	1	5	6	23
The Great Gatsby	1	0	1	0	1	0	3
Total	11	21	14	1	29	17	93

Tabela 2: Os dados organizados conforme as ocorrências nos romances

Do total de 93 sentenças, a análise dos dados provenientes dos romances mostra que o substantivo comum é o que apresenta maior ocorrência com 29 casos de modificação pelo *very*. Em contraposição, o substantivo próprio se mostra o menos produtivo com 1 sentença.

Para que os dados não ficassem limitados somente aos romances, a outra frente de coleta se dá através do *British National Corpus (BYU- BNC)*. A sentença (12a) é um dos exemplos encontrados na plataforma online, sendo (12b) sua tradução, ilustrando modificação sobre o substantivo comum *fact* ‘fato’.

(12) a. “A number of factors gave rise to the suspension, but the **very** fact that the authority itself lost confidence in him...” (*The Daily Mirror*. London: London Group Newspaper, 1992)

b. “Um número de fatores deu origem à suspensão, mas o próprio fato de que a autoridade perdeu a confiança nele...” (*The Daily Mirror*. London: London Group Newspaper, 1992, tradução nossa)

Na plataforma digital, foram analisadas 1000 sentenças nas quais o *very* exerce modificação. Dentre essas sentenças, 72 apresentam a modificação não prototípica, número que corresponde a 7,2% das sentenças analisadas. As sentenças também foram organizadas em categorias, sendo as ocorrências representadas na tabela 3:

Superlativo	Tempo	Lugar	Substantivo Próprio	Substantivo Comum	Substantivo Abstrato
50	4	6	0	11	1

Tabela 3: Número de ocorrências nas sentenças do *British National Corpus (BYU-BNC)*

A análise dos dados representados pela tabela 3 permite constatar dois extremos. O primeiro é que a ocorrência de modificação sobre o superlativo com 50 sentenças se mostra expressivamente maior do que qualquer outra categoria. Já o segundo é a ocorrência nula do substantivo próprio, caracterizado como o menos produtivo tanto nos dados do corpus online, quanto nos romances.

Ainda existe a possibilidade de uma terceira frente de coleta de dados por meio de questionários, seguindo a proposta de elicitación controlada (cf. MATTHEWSON, 2004; SANCHEZ-MENDES, 2014). Segundo essa metodologia, a coleta de sentenças se daria por meio da consulta de julgamentos de adequação por falantes nativos da língua inglesa.

Assim, os passos metodológicos se caracterizam pela coleta e organização de sentenças em categorias, mapeamento quantitativo das ocorrências conforme as categorias e formulação de uma hipótese sobre o porquê de *very* ser traduzido por ‘próprio’, ‘mesmo’, ‘exato’ ou não ter tradução.

Considerações finais

Este artigo discutiu uma pesquisa que investiga a modificação não prototípica do *very* na língua inglesa. Os dados encontrados até o momento mostram que esse tipo de modificação

de grau apresenta produtividade considerável, portanto, não se trata de um fenômeno marginal na língua. Assim, a presente pesquisa, relevante por seu caráter inédito nos estudos linguísticos, tem por proposta investigar esse fenômeno pelo viés semântico.

Os próximos passos se dão pela busca de uma semântica unificada no processo de descrição e explicação do fenômeno linguístico abordado por esta pesquisa. A necessidade de busca por uma semântica unificada se deve ao fato de que acreditamos na possibilidade de se encontrar um significado único para o *very* que se aplique a todas as categorias. Embora essas leituras pareçam muito distantes da leitura de ‘muito alto’, elas têm um sentido comum: a modificação de um grau.

Espera-se que este estudo possa contribuir não só com a descrição e explicação do objeto analisado, o que já seria de grande importância linguística, mas também possa ter aplicação no ensino de inglês, fazendo parte de materiais didáticos no futuro.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. (PDF). Disponível em: [http://kids4classics.com/jane_austen/Pride_and_Prejudice.php]. Acesso em: 30 jun. 2017.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*/ Jane Austen; tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- AUSTEN, Jane. *Northanger Abbey*. (PDF) Disponível em: [http://www.planetebook.com/ebooks/Northanger-Abbey.pdf]. Acesso em: 05 ago. 2017.
- AUSTEN, Jane. *Northanger Abbey*/ Jane Austen; tradução de Eduardo Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- DOETJES, Jenny. Adjectives and degree modification. In: MCNALLY, L.; KENNEDY, C. (eds.) *Adjectives and adverbs: syntax, semantics and discourse*. Oxford: Oxford University press, 2008, p.123-155.
- HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in Generative Grammar*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998.
- KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language* 81, n.2, 2005, p.345-381.
- MORZYCHI, Marcin. The Several Faces of Adnominal Degree Modification. In: *Proceedings of the 29th West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. Jaehoon Choi et al. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings, 2012, p.187-195.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Semântica Formal: uma breve introdução*. São Paulo: Mercado das Letras, 2012.

SANCHEZ-MENDES, L. Trabalho de Campo para Análise Linguística em Semântica Formal. *Revista Letras*, v. 90, 2014, p.277-293.

TARKSI, Alfred. The Semantics Conception of Truth: And the Foundations of Semantics. *Philosophy and Phenomenological Research*, v.4, n.3, 1944, p.341-376.